

TOURAINÉ, CONSCIÊNCIA DE CLASSE DE ELEIÇÕES NO BRASIL 1982

NILSON BORGES FILHO

PROFESSOR DO CPGD/UFSC E DOUTORANDO DA UNIVERSIDADE
DE LOUVAIN

— I —

O Estado Brasileiro depois de 18 anos sob as malhas de um regime autoritário e há 16 anos sem conhecer os efeitos eleitorais de um pleito para governadores, deu, concretamente, o primeiro passo para o encaminhamento do seu processo de abertura política, no último dia 15 de novembro próximo passado, quando desfilaram pelas urnas espalhadas por todo o território nacional 50 milhões de brasileiros. Uma população tão numerosa quanto a da França e Inglaterra.

Assinala BOLIVAR LAMOUNIER que “eleições produzem efeitos diversificados no processo político, não se limitando jamais à sua precípua finalidade institucional de recompor as assembléias e órgãos do governo”.⁽¹⁾ Não resta a menor sombra de dúvida que esses efeitos criam expectativas e projeções de indivíduos e grupos diferentemente situados na estrutura do poder. De outra parte, cabe, também, uma reflexão para o que ensina o sociólogo FRANCISCO WEFFORD “não se deve tirar das eleições mais do que os fatos permitem”.⁽²⁾ E é, sobretudo, com esse universo de expectativas e projeções permitido pelos fatos, que se configura o presente comentário político, cuja intenção é de discernir se nos resultados

(1) LAMOUNIER, Bolivar. In Brasil do Milagre à Abertura organizado por Paulo Krischke. Cortez Editora, 1982, pág. 197.

(2) WEFFORD, Francisco. In Revista ISTO É, n° 309, de 24-11-82, Brasil, pág. 40.

das urnas houve uma consciência de classe. Entende-se, aqui, como consciência de classe, a tese de TOURAINÉ quando analisa a expressão nos movimentos obreiros das sociedades dependentes.

— II —

O exame dos resultados eleitorais de 1982 deve revestir-se de outras variáveis, principalmente, quando aparecem no cenário político novos partidos, além dos sucedâneos daqueles que vigoraram até a reforma eleitoral brasileira, na medida em que o País vivia sob os efeitos do bipartidarismo. E as conclusões não podem ser mais simplista como foram as de 1974 e 1978. Armado pelo próprio aparelho Estado, o sistema bipartidário tornou as eleições de 74 a 78 meramente plebiscitárias, isto é, dividiu os eleitores em dois grupos: uns a favor do governo, cooptados pela política do clientelismo e outros contra. Segundo LAMOUNIER “o descontentamento com a qualidade de vida urbana, perplexidade face à indefinição do modelo político nacional, a crescente influência da televisão (em 1978 as eleições foram realizadas já sob as regras da Lei Falcão, que proíbe aos candidatos acesso à televisão), o canto dos cisnes das velhas oligarquias foram os motivos que levaram os eleitores, pelo voto, a se manifestarem contra o governo”.⁽³⁾

Porém, com a implantação do pluripartidarismo, o quadro político teve uma substancial modificação, principalmente, no que se refere ao aparecimento do Partido dos Trabalhadores, surgido das reivindicações sindicais que para o sociólogo JOSÉ ÁLVARO MOISÉS ⁽⁴⁾ “criaram condições para instrumentar formas de solidariedade social entre pelo menos 850 mil trabalhadores do setor dinâmico do capitalismo brasileiro, em São Paulo, colocando na ordem do dia o tema da participação política da classe trabalhadora”. Mais adiante, se verá que a tese da participação política da classe trabalhadora formulada por JOSÉ ÁLVARO MOISÉS, foi mais — no conceito de TOURAINÉ — uma consciência de classe ligada às relações de produção do que, realmente, uma tomada de consciência política.

Mas não há como negar a premissa de que o Partido dos Trabalhadores nasceu das reivindicações sindicais de 1977 e que inicial-

(3) LAMOUNIER, Bolívar, op. cit. pág. 198.

(4) MOISÉS, José Álvaro. In Brasil: do Milagre à Abertura, op. cit. pág. 53.

mente “tratava-se de um movimento que buscava conquistar o reconhecimento da sociedade (legitimidade) para o direito da classe trabalhadora de se defender economicamente em face do processo intenso de acumulação de capitais” — garante JOSÉ ÁLVARO MOI-SÉS.⁽⁵⁾

A partir das reivindicações sindicais e do sucesso de que se investiram as greves dos trabalhadores do ABC paulista, em termos de mobilização de classe, despertou nas” lideranças dos trabalhadores e nos intelectuais ligados a esse movimento, a necessidade da formação de um partido dos trabalhadores, nascido das bases. E, já em julho de 1978, LUÍS INÁCIO DA SILVA (Lula), presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema, apresenta no V Congresso da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria, a proposta de formação de uma Frente Ampla de Trabalhadores, como embrião de um possível partido político. Segundo LULA, “ninguém terá melhores condições de formar um partido do que a classe trabalhadora”⁽⁶⁾ Assim, paralelamente aos movimentos sindicais, em cujos discursos prevalece a tônica nacionalista, trazendo como principais reivindicações a reposição salarial, estabilidade no emprego, etc. — que para TOURAINÉ significa um laço estreito entre mobilidade individual e desenvolvimento coletivo — vai-se formando o Partido dos Trabalhadores, contando, também, nesta altura, com o apoio da Igreja através das Comunidades Eclesiais de Base.

Muito embora não seja esse o caráter desta análise, contudo para a compreensão do texto, se fez necessário uma breve notícia sobre o surgimento do Partido dos Trabalhadores, uma vez que foi o único, dentre os que se formaram com o pluripartidarismo, que nasceu dos movimentos sociais de base. E, sem dúvida o clima político do Brasil contribuiu para isso. Desta forma, se completou o quadro partidário brasileiro com o pluralismo político: um partido forte de apoio ao regime (PDS), uma frente de oposição formada por diversos segmentos ideológicos (PMDB) e um partido (PDT) originário da Internacional Socialista que divide com o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) a bandeira do trabalhismo histórico de Getúlio Vargas e sua carta testamento.

(5) *Ibid*, pág. 57.

(6) LAMOUNIER, Bolívar (organizador). Voto de Desconfiança. Eleições e Mudança Política no Brasil, 1970/1979. Editora Vozes Ltda., 1980, Brasil, pág. 244.

E foi dentro desse quadro partidário que se realizaram as eleições no Brasil, cujos resultados, inicialmente, precipitaram uma torrente de interpretações. Todavia, poucas com alguma cientificidade. Não se quer dizer com isso que o presente comentário político não leve a mais ou menos idealismo. Falso, entretanto, seria querer negar legitimidade “as primeiras tentativas de unificação intelectual dos resultados eleitorais” — afirma LAMOUNIER.⁽⁷⁾

Em que pese tais limitações, os resultados eleitorais de 1982 no Brasil, a nível majoritário, trazem para efeito de reflexão a divisão geográfica do território brasileiro entre os partidos. De um total de 22 Estados, o partido do governo (PDS) elegeu 12 governadores e senadores (por força da vinculação de votos) e a oposição 10, sendo 9 do PMDB e 1 do PDT de Leonel Brizola, no Rio de Janeiro. Pode-se sentir de imediato que houve uma divisão de forças, apesar dos esforços do governo, através de casuísmos, em minorar o desempenho das oposições. Mas o que comporta uma análise mais substancial dessa repartição de governos estaduais é que ao PDS, isto é, ao partido das classes dominantes, coube eleger a maioria dos governos dos Estados do Norte/Nordeste brasileiro, cujas principais características são a pobreza e a dependência econômica do resto do País, enquanto que as oposições (PMDB e PDT) venceram no sul e centro do Brasil, regiões que compõe 80% do Produto Interno Bruto. Vale, portanto, como explicação à tese de TOURAINE sobre o dualismo, onde uma mesma sociedade tem características de desenvolvimento desigual e combinado, produzido pela dominação estrangeira. O dualismo econômico, no Brasil, assume, então, expressão geográfica a nível político-partidário.

Assim, o Norte/Nordeste quase que totalmente dependentes do sul do País, cujas estruturas estão montadas em cima dos grandes latifúndios e suas relações patrimoniais, que impede o aparecimento de uma consciência de classe nos trabalhadores rurais, e, ainda, a prática política que é tratada na base do clientelismo, tudo isso aliado ao estado de miserabilidade daquela gente e a desmobilização social que prevalece acima de pequenos movimentos liderados pela igreja, des-

(7) LAMOUNIER, Bolívar. In Brasil: do Milagre à Abertura, op. cit., pág. 198.

pejou os seus votos nos fiéis representantes da classe dominante dessa região. Essa tese fortalece mais ainda quando os números mostram que mesmo no Norte/Nordeste, onde o governo fez a maioria dos governadores e senadores, os centros urbanos, imunes aos grandes latifúndios e suas relações de poder, quase que esmagavam a diferença de votos vindos do interior. A base desses votos nos centros urbanos está naqueles capitais que, segundo TOURAINE “abandonam campo e não retornam a ele, encontrando nas cidades oportunidades de investir que se vão desenvolver pelo crescimento de uma produção destinada à classe média e pela especulação que arrasta o desenvolvimento urbano”⁽⁸⁾, e vêm no ato de dar o seu voto à oposição uma torma de contestar esse dualismo estrutural.

— IV —

Sem embargo, continuando com Touraine “na medida em que as (sociedades latino-americanas são sociedades dependentes e desarticuladas, o populismo é a expressão principal dos movimentos populares”⁽⁹⁾. Exemplos típicos foram a eleição de BRIZOLA no Rio de Janeiro e a grande votação de JÂNIO QUADROS em São Paulo. Sem sombra de dúvida que a vitória de BRIZOLA, no Rio de Janeiro, deveu-se, em sua essência, muito mais à campanha populista desenvolvida pelo candidato, que de poucos 6% iniciais na preferência popular chegou à eleição com uma margem de, aproximadamente, 100 mil votos na frente do segundo colocado, do que propriamente o resultado de uma tomada de consciência política por parte dos trabalhadores do Rio de Janeiro, que pudessem ver no trabalhismo do PDT de BRIZOLA as suas propostas de mudança da sociedade. Se tal fosse, melhor norte teria o Partido dos Trabalhadores, que se apresenta como único e verdadeiro partido dos trabalhadores.

Embora tenha sido formulado por TOURAINE em outro contexto, as massas urbanas são influenciadas pela massa-média e pelo poder carismático do candidato populista. A título de exemplo, o autor cita o caso de JÂNIO QUADROS quando se elegeu Presidente da República do Brasil. Tanto isso é verdade que no discurso do Sr. LEONEL BRI-

(8) TOURAINE, Alain. *As Sociedades Dependentes*. 1978, pág. 214.

(9) *Ibid.*, pág. 91.

ZOLA destacava-se, durante a campanha, o seu sotaque gauchesco embutido numa forma populista, onde pregava o “socialismo moreno”, alusão feita ao sol do Rio e ao socialismo democrático, bandeira do seu partido.

— V —

Tido como uma das esperanças políticas do Brasil após a abertura, onde trazia, inclusive, preocupações para os setores mais duros das Forças Armadas (segundo o General Coelho Neto, então Comandante da IV Região Militar, o PT de Minas Gerais faria mais de 500 mil votos naquele Estado), o Partido dos Trabalhadores não confirmou as expectativas e projeções que se faziam sobre o seu desempenho eleitoral. Terminada a contagem de votos, o PT colocou-se em último lugar em todo o País, na preferência dos eleitores brasileiros. O Partido não conseguiu fazer sequer um governador ou senador, isto é, nas eleições majoritárias o PT teve um desempenho zero. Já nas eleições proporcionais, onde a cúpula partidária esperava fazer, na pior das hipóteses, 20 deputados federais, a bancada do Partido dos Trabalhadores na Câmara será composta de 8 parlamentares.

Em Minas Gerais, Estado onde, após São Paulo, o PT estava melhor organizado, dos 5.800 milhões de votos apurados, a candidata do Partido dos Trabalhadores ao Governo do Estado fez exatamente 113 mil sufrágios, 1,94% da votação total, isto é, votação menor do que os votos nulos (146 mil). Em Belo Horizonte, capital do Estado, o partido obteve 39.700 votos, ou seja, 5% do total apurado no maior centro urbano de Minas. Pior, ainda, foi o seu desempenho nos Municípios de CONTAGEM e JOÃO MONLEVALE, redutos operários e palco de greves dos metalúrgicos, onde perdeu as eleições. Sendo que em JOÃO MONLEVALE, de 26.333 votos válidos, o Partido dos Trabalhadores fez poucos 2.698 votos.

Configura-se, pois, o fato de que é enganosa a existência no Brasil de um eleitorado de esquerda à maneira dos existentes nos países desenvolvidos da Europa. Ao contrário, os grupos de esquerda mais radicais distribuídos entre o PMDB (MRB, PCB) e o PT (MEP, LIBELU, Convergência Socialista) saíram frustrados dessas eleições, pois foi negada pela sociedade brasileira a participação de radicais de esquerda nas administrações estaduais e municipais e, um pouco me-

nos, nos parlamentos. Porém, o grande erro do PT (foi o de acreditar que no Brasil já existia uma consciência de classe nos trabalhadores pura a realização de uma proposta política, jsto é, pensar que, dentro de uma sociedade dependente, operário votasse em operário. A filósofa MARILENA CHAÚÍ⁽¹⁰⁾, militante do Partido dos Trabalhadores, defende a tese de que a derrota do PT não pode ser examinada simplesmente em termos eleitorais, mas, também, em termos de discriminação de classe.

Mesmo em São Paulo, berço do Partido dos Trabalhadores e em cujo Estado o candidato a governador é o seu principal líder, o Presidente do Partido LUÍS INÁCIO DA SILVA (LULA), o número de votos alcançado esteve abaixo do esperado, isto é, apenas 10% do total. Votação menor do que a do ex-Presidente da República, JÂNIO QUADROS. Antes e, ainda, durante a campanha crescia um sentimento, que ficou claro com os resultados, que Lula, isto é, um metalúrgico (operário) não tinha capacidade para governar. No ABC paulista, teatro das grandes mobilizações da classe trabalhadora e palco de inumeráveis greves, lideradas por LULA, o Partido dos Trabalhadores e seu candidato a governador, o próprio LULA, perderam as eleições ora para MONTORO do PMDB ora para JÂNIO QUADROS, do PTB. Os votos obtidos por JÂNIO QUADROS junto aos trabalhadores de São Paulo, resultaram de um discurso populista de defesa da moralidade administrativa e, ainda, pelo seu carisma perante as classes populares. É o que afirma TOURAINE, PARA QUEM “a participação política na medida em que os trabalhadores não têm consciência de interesses comuns definidos a partir de sua situação de trabalho, pode desembocar em formas de manipulação por parte de líderes políticos; as referências aos modelos de consumo urbano pode ainda acentuar esta dependência restringindo as reivindicações a protestos mal articulados a fim de defender ou acentuar um nível de vida”⁽¹¹⁾.

Por outro lado, LULA acreditava que uma forte participação urbana pudesse acentuar no trabalhador qualificado a referência a seus interesses específicos e a participação do trabalhador na empresa pudesse levá-lo a referir-se diretamente à sociedade global. Contudo, em

(10) CHAÚÍ, Marilena. In Revista ISTO É, nº 309, 24-11-82, Brasil, pág. 31

(11) TOURAINE, Alain. op. cit. pág. 197.

1981 uma pesquisa de opinião pública demonstrava que 45% dos trabalhadores tinham LULA como o líder sindical mais apropriado, mas apenas 15,5% acreditavam-no como o melhor candidato à Presidência da República. A pesquisa fornecia, ainda, outros dados de interesse de análise, quando 44% dos trabalhadores entrevistados viam o sindicato como mero instrumento reivindicatório e 65% afirmaram que o sindicato jamais deveria identificar-se com os partidos políticos.

A tais conclusões TOURAINE já havia chegado muito antes, quando analisando a industrialização do Brasil, no seu livro “As Sociedades Dependentes”, afirmava que “o sindicato aparece como instrumento a serviço de um interesse pessoal, como a expressão da solidariedade do grupo primário de trabalho e como manifestação da oposição de interesses entre níveis sociais, entre o povo e seus patrões. Mas essa multiplicidade de sentidos de ação sindical significa também sua debilidade pois não assegura a unificação destes planos no marco de uma consciência de classe” (12). No que se refere ao fato de que ao trabalhador interessa proteger seu emprego, seu meio, etc, TOURAINE toma como exemplo os próprios trabalhadores de São Paulo “quando protestam sobre sua situação atual, mas de outra parte só concebem o sindicato como um instrumento destinado a dar-lhes assistência médica, etc, de nenhum modo como instrumento de luta coletiva em função de valores próprios” (13).

Assim, na medida em que os trabalhadores se submetiam à liderança sindical de LULA como porta-voz dos seus interesses individuais (aumento de salário, estabilidade de emprego, etc), em contrapartida essa liderança não se manifestava a nível político, através de uma proposta coletiva e mais global de transformação da sociedade, a exemplo do que prega o Partido dos Trabalhadores. E os resultados eleitorais do Brasil e, principalmente de São Paulo, na região do ABC, demonstraram que mais do que uma discriminação de classe, existe no País uma falta de consciência política de classe por parte dos trabalhadores brasileiros.

(13) Ibid, pág. 199.

TOURAINÉ, Alain. *Las Sociedades Dependientes*. Siglo Veintiuno Editores, México, 1978.

LAMOUNIER, Bolívar (organizador) *Voto de Desconfiança, Eleições e Mudança Política no Brasil, 1970-1979*. Editora Vozes Ltda., Brasil, 1980.

KRISCHKE, Paulo, (organizador). *Brasil: do Milagre à Abertura*. Cortez Editora, Brasil, 1982.

LAMOUNIER, Bolívar. FARIA, José Eduardo (organizadores). *O futuro da Abertura: Um Debate*. Cortez Editora, IDESP, Brasil, 1981.

(*) Os números eleitorais foram retirados de órgãos da imprensa brasileira, no período novembro/dezembro de 1982.